

JUBILOS FESTIVOS
DE
PORTUGAL,

E SUAS CONQUISTAS:

AO NASCIMENTO

DO SERENISSIMO PRINCIPE DA BEIRA

DOM JOZE,

FRANCISCO XAVIER DE PAULA

DOMINGOS ANTONIO AGOSTINHO

ANASTACIO.

OFFERECIDOS A' VIRGEM PURISSIMA

DA CONCEIC, A M

de Villa Viçosa,

PADROEIRA DO REYNO.

Por SOROR THOMASIA CAETANA

DE SANTA MARIA,

Religiosa no Convento de Santa Cruz de Villa Viçosa.

Dados à luz por seu Pay

MANOEL DE MIRAVALADAM,

Cirurgião approvedo nesta Corte.

—————
LISBOA,

Na Officina de PEDRO FERREIRA, Impressor da Fidelissima

Raizua Nossa Senhora. Anno do Senhor 1761.

Com todas as licenças necessarias.



A' SERENISSIMA SENHORA

PRINCEZA
DE

PORTUGAL,

BRASIL.

SONETO.

L
45364
P

Princeza Augusta, Astro Luzitano,
Esfclarecido Sol, raro protento,
Prodigio singular do entendimento,
E gloria universal do Soberano:
Sois Serafim na terra mais que humano,
A quem dedico em puro rendimento
A mais rendida fé, sem mais intento
Que ver o affecto meu do emprego ufano.
Vivei annos felices sempre Augusta
Princeza singular, bella Deidade,
Em quem a adoraçõ he mais que justa.
Hoje chego a elles pès com humildade,
A beijar huma mão, em que se ajusta
A clemencia, o amor, e a piedade.

SONETO

SONETO.

Foy discreta, foy justa, e foy ditoza,
Infante excelso, e quanto dezejada
Foy aquella eleiçãõ taõ celebrada,
Que vos-unio a vós, com vossa Esposa!
Por ella se vê hoje venturoza
A nossa Monarchia, e socegada,
E se vê já segura, e dilatada
Em Portugal a Coroa Magestoza;
Jà o Reyno se vê convalescido
Daquelle susto grande, em que vivia,
Sem successãõ, penozo, e affligido;
Quando? No mais ditozo, e feliz dia,
Se vê em Portugal hum Rey nascido
Para socego, e paz da Monarchia.

GLOSSA.

I.

ALerta Portugal, que alto motivo
Te preciza a prazeres, e louvores;
Pois despachou o Ceo, já compassivo
Os teus rogos, suspiros, e clamores;
Hoje para socego, e lenitivo,
De Pedro nasce hum Rey, e em taes favores
Mostra o Ceo que a eleiçãõ de sua Esposa
Foy discreta, foy justa, e foy ditoza.

II.

P Or ella o melhor bem se nos seguio,
Na feliz successão da Monarchia;
A ventura mayor se concluiu
Neste mais que ditozo, e alegre dia,
Nelle mostrou o Ceo que nos ouvio
Pois fô da mão de Deos vir nos podia
Huma dita, que foy tão implorada,
Infante excelso, e quanto dezejada.

III.

J A' do laço feliz, e venturozo,
Que destinou o Ceo, vemos sem susto
Hum Principe nascido, que ditozo
O Ceptro lograrà, e o Throno Augusto;
Agora quiz o Ceo como piedozo
As supplicas ouvir, e excessso justo
Com que no Reyno seu, tão festejada
Foy aquella eleição tão celebrada.

IV.

E M Portugal hum Principe nascido!
Que dita, que favor, e que ventura!
De virtudes o veja enriquecido
Quem o Reyno, e a paz nelle segura;
Por vós, Pedro, e Senhor, restituído
Hoje o Reyno se vê, e conjectura
Ser effeito da mão mais piedozza
Que vos unio a vós, com vossa Esposa!

Festivos parabens, vivas eternos
Vos dou, Princeza excelsa, e esclarecida:
Lograi o Filho Augusto nos maternos
Braços, que são de amor gostoza lida:
Affagai com carinhos os mais ternos
Essa joya sem preço, nem medida;
Pois vossa Monarchia, já ditoza,
Por ella se vê hoje venturoza.

VI.

HUm assumpto de applauzos o mais dino
Hoje o Ceo piedozo nos offerece
Nesse elevado, e grande pequenino,
Que como Astro mayor já resplandece;
Por ventura, por gloria, e por destino
Essa prenda no Mundo se conhece,
E por ella se vê já descancada
A nossa Monarchia, e socegada.

VII.

Promitta o Ceo que reyne, logre, e viva
Prolongadas idades, e que veja
Dilatada, fiel, e excessiva
A ventura, que o Reyno lhe dezeja;
Com gloria singular, e suceffiva
Respeitado, e temido sempre seja:
Nelle descance a Coroa que lhe he dada,
E se vê já segura, e dilatada.

A Palavra de Deos não tem falencia,
E pelo mesmo Deos foy promettido,
Que havia dilatar a descendencia
Dos Reys de Portugal, isto he sabido;
Neste favor Divino, a Providencia
Decretou este Principe nascido,
Nelle segura Deos com mão piedosa
Em Portugal a Coroa Magestosa.

IX.

H Um Reyno, que por Deos foy nomeado
Para sua assistencia, e não podia
Ficar sem successão desconfolado
Hum Reyno que tal gloria pessuia;
Hoje se vê sem fusto, e sem cuidado,
Todo excessos de gosto, e de alegria,
E do temor passado, e padecido,
Jà Portugal se vê convalescido.

X.

V Inde, Principe excelso, e Soberano,
Vinde, Astro singular, e rutilante,
Illustrai o Imperio Luzitano
Animado Planeta, Sol brilhante,
Vinde, ó Anjo de paz, e mais que humano
Serafim sem igual, nem semelhante;
Vinde livrar a vossa Monarchia
Daquelle suso grande, em que vivia.

EM hum mar de suspiros, e pezares
 Entre penas, e magoas naufragando
 Os Vassallos, nos Còros, e Altàres
 A Deos em eternas vozes implorando,
 Padecendo receyos a milhares,
 Em continuos pezares suspirando;
 Assim se via o Reyno combatido
Sem successão, penozo, e affligido.

XII.

ENtre os mesmos receyos se lembrava
 O Reyno, de que he Deos Pay amorozo,
 E na sua promessa confiava
 Que faria o seu Povo mais ditozo;
 Quantas vezes a Deos já perguntava,
 Quando fareis o Reyno venturozo?
 E a fé interior lhe respondia:
Quando? No mais ditozo, e feliz dia.

XIII.

CHegou porèm o dia dezejado,
 Já Portugal se vê cheyo de glorias
 Alegre, já festivo, e consolado
 Se promette venturas, e victorias:
 Agora sim, que em gostos duplicados
 Em oblaçoens festivas, e notorias,
 Por Decreto de hum Deos compadecido,
Se vê em Portugal hum Rey nascido.

G Raças vos dou, Senhor, Omnipotente
Pois quando a vós afflictos imploramos,
Consolais este Reyno descontente
Na falta deste bem, que hoje logramos;
Agora fim que alegres justamente
Donde afflictos pedimos, graças damos,
Porque nasceo hum Rey no melhor dia,
Para socego, e paz da Monarchia.

EM LOUVOR
DA MADRE SOROR THOMASIA CAETANA
DE SANTA MARIA.

Suspenda a Corte seu clamor ardente
Nos applausos do Principe nascido,
Que outro som muito mais esclarecido
Os decanta sonõra, e docemente.
Esse Numen, Senhora, que excellente
Vos illustra, do Ethereo foy descido,
E o de Apollõ já fica supprimido,
Por vosso mètro ser mais eloquente.
Nem Aglaya se julgue ser ufana
Na expressam de alegria taõ ditoza,
Que nos deo a Princeza Soberana.
Para acclamar o bem, que o Reyno goza,
Em tudo o que faltar á voz humana
Suppra a vossa, que sois de Christo Esposa.
De Caetano Francisco Xavier de Zuniga.